

# JORNAL DO BRASIL

FUNDADO EM 9 DE ABRIL DE 1891

Rio de Janeiro • Quinta-feira • 27 de abril de 2000 • Ano CX - Nº 19

## A SEGUNDA MISSA

Coroa Vermelha, Bahia - AE



Os índios invadiram a cerimônia, e o líder Matalauê (detalhe) interrompeu a missa para negar perdão à Igreja

**Juiz sugere que Brasil apure o plano Condor**

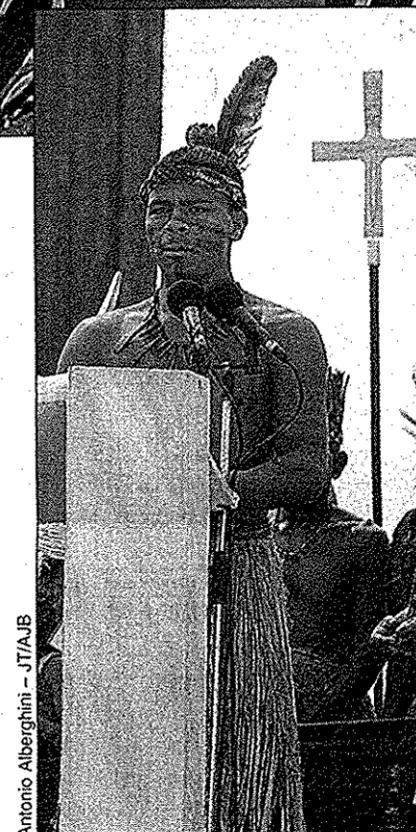
O juiz Claudio Bonadio, de Buenos Aires, que investiga a ação de repressão conjunta dos regimes militares do Cone Sul nos anos 70 e 80, sugeriu que a Justiça do Brasil siga seu exemplo e peça aos tribunais argentinos informações sobre cidadãos brasileiros desaparecidos em seu país. A família de João Goulart disse ter suspeitas sobre a morte do ex-presidente e que pedirá ao governo a reabertura do caso. (Página 10)

# Índios recusam pedido de perdão da Igreja

“Não perdão esse massacre”, disse o pataxó Matalauê

Depois de forçarem a entrada na solenidade em que estava prevista a presença de apenas uma família, os indígenas reunidos em Coroa Vermelha (BA) interromperam a missa pelos 500 anos quando já havia sido feito o ato de penitência com um pedido da Igreja de perdão aos índios. “Não perdão, não perdão esse massacre”, gritou no microfone principal do altar-mor o líder Matalauê, pataxó de 24 anos, de peito nu, cocar amarelo, sunga azul e um saio-

te de piaçaba. Ele acusou os colonizadores de terem destruído a cultura dos povos indígenas, estupro suas mulheres, invadido e devastado suas terras. Aplaudido pelos bispos, Matalauê denunciou o descobrimento como “uma mentira”. O pedido de perdão a índios e negros foi feito na presença do legado papal, 350 bispos brasileiros e 17 estrangeiros, sob forte chuva, na missa que comemorou a primeira cerimônia eucarística no Brasil. (Páginas 6 e 7)



Antonio Alberghini - JTA/AB

# MISSA DOS 500 ANOS Bispos aplaudem o discurso emocionado do líder pataxó

## “Não perdôo esse massacre”

SONIA CARNEIRO E BORGES NETO

PORTO SEGURO – “Não perdôo. Não perdôo esse massacre”. Pouco depois do início da Missa pelos 500 anos, quando já havia sido feito um ato de penitência com um pedido de perdão aos índios, o líder indígena Matalauê, da tribo pataxó, 24 anos, de peito nu e cocar amarelo, sunga azul e um saio de piaçaba, usou o microfone do altar-mor para fazer um violento protesto contra o extermínio dos povos indígenas após o descobrimento do Brasil. Imprevisto, o protesto foi imposto pelos pataxós. Estava programada a participação de uma só família, mas os índios forçaram a entrada na missa usando bordunas e aos gritos de “saíam da nossa terra”. Matalauê acusou os colonizadores de terem “destruído a cultura dos povos indígenas, estuprodo suas mulheres, invadido e devastado suas terras a qualquer custo”. Aplaudido pelos bispos, denunciou o descobrimento como “uma mentira”.

**Acusações** – Matalauê exigiu a “punição para os responsáveis pelas agressões aos povos indígenas”, lembrando os episódios do último sábado. Com o dedo em riste na direção do vice-presidente da República, Marco Maciel, e o ministro dos Esportes e Turismo, Rafael Greca, Matalauê acusou-os de ter impedido a realização da marcha do descobrimento e exigiu que eles intercedessem em favor das punições. “Impediram nossa marcha com tropas, tiros e bombas de gás”, denunciou sob aplausos. “Cada vez nos sentimos mais vulneráveis”, reclamou o índio.

“Estamos de luto. Até quando isso vai durar? Vocês não se envergonham?”, prosseguiu Matalauê, com voz embargada. “Vocês estão invadindo a nossa casa. Vocês estão dentro daquilo que é o coração do nosso povo. Isso é a nossa terra. Vocês têm de ter respeito. Essa terra pertence a nós”, acrescentou Matalauê, aplaudido mais uma vez, em plena missa. “O que vocês fizeram com a gente?”, provocou o índio. “Queremos justiça e liberdade”, acrescentou.

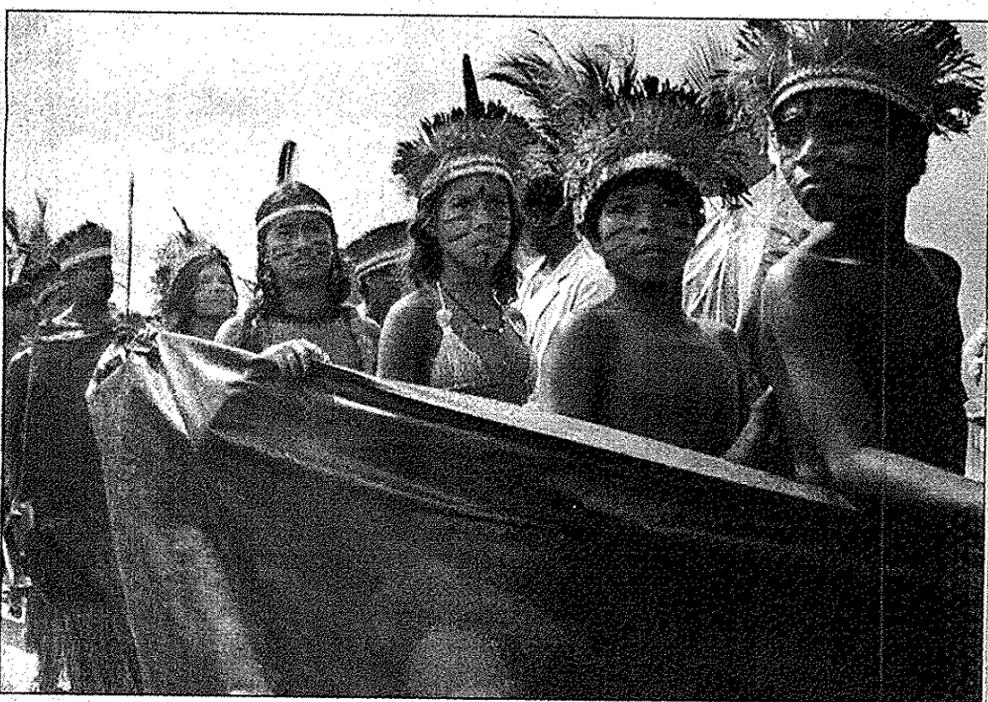
Matalauê protestou contra a organização do evento dos 500 anos. Ele não concordou com a substituição da antiga cruz de madeira por uma de metal, sem consulta aos indígenas. Criticou também a polícia baiana pela derrubada do monumento de protesto construído pelos índios para denunciar a exploração do seu povo. “Em nossa terra ergueram uma cruz de metal substituindo a anterior e com isso derubaram o monumento símbolo da nossa resistência aos povos invasores”, acusou Matalauê.

**Reivindicações** – O líder pataxó reclamou a imediata demarcação das terras dos 150 povos que participaram da Conferência Indígena na semana passada. “Exigimos a demarcação de nossos territórios, o respeito à nossa cultura e às nossas diferenças, e, ainda, condições para nosso sustento, educação e saúde”, disse Matalauê, ao reivindicar o direito dos índios à terra que habitam. “Os povos nativos são os verdadeiros donos desta terra onde viviam em harmonia com a natureza”, lembrou, citando como exemplo os tupis, caiapós, xavantes e pataxós. Matalauê acusou os invasores de terem exterminado ao longo dos últimos cinco séculos cerca de 6 milhões de índios que acabaram reduzidos a 350 mil.”

Segurando uma faixa preta em sinal de luto pela repressão policial sofrida no último dia 22, quando foram impedidos de participar da festa do descobrimento e também pela morte do índio Galdino Pataxó, queimado por jovens de classe média do Distrito Federal, mais de 60 índios pataxós subiram ao altar onde estava o cardeal D. Angelo Sodano, representante do Papa. E depois, para se abrigar da chuva, os índios usaram as faixas de protesto para se cobrir.



Os pataxós foram admitidos no lugar destinado aos convidados após interferência de bispos



Uma grande faixa preta foi levada pelos índios até o altar-mor para simbolizar o luto da tribo

## Negros participam em paz

PORTO SEGURO – Enquanto os índios protestavam e não aceitavam o pedido de perdão da Igreja, os negros tiveram postura diferente. Não houve nenhum protesto e todos se limitaram a participar da liturgia da missa com coreografias, dança afro, cantos, e capoeira ao som do berimbau. O bispo Prêmio Nobel da Paz de 1996, de Timor Leste, D. Carlos Ximenes conclamou todos a aceitarem o pedido de perdão da Igreja. “É uma penitência e todos devemos recebê-la de coração aberto”, defendeu Ximenes.

Mas o padre Guanai, da arquidiocese de Juiz de Fora (MG), que orientou os jovens e foi autor das coreografias apresentadas na missa, informou que os negros aceitaram o perdão da Igreja por uma questão de princípio. “A dimensão do perdão é importante para a reaproximação com a Igreja e como um sinal de participação mais ativa no processo da nova Evangelização. No caso dos índios, a situação da comunidade se agravou com a violência policial ocorrida no último sábado. E a não aceitação do perdão fortalece o movimento de resistência deles. Por is-

so temos que compreendê-los”, avaliou Guanai.

**Críticas** – Ele disse que os negros têm sérias críticas a fazer a todo o processo de evangelização e de colonização. “Foi um processo que matou e excluiu”, criticou o padre. Mas ele propôs que sejam levados em conta os valores e o método usado pelos evangelizadores na época. “Eles achavam que estavam fazendo o que era certo. Não podemos crucificá-los”, argumentou Guanai. Segundo ele, a nova proposta de evangelização para o ano 2000 exigirá uma maior organização da comunidade negra. “A proposta da Igreja levará em conta esta comunidade e precisamos estar preparados”, defendeu Guanai.

Mas durante o rito da paz, momento em que todos na missa se cumprimentam e abraçam, o padre José de Freitas, da arquidiocese de Niterói, dizia: “Vamos continuar resistindo. Não vamos baixar nossa crista”, apelava ele. “Os negros deveriam ter tido uma participação mais intensa e mais forte na celebração. Os índios quase foram impedidos de entrar aqui e só conseguiram devido à

perseverança deles. Todos deveriam ter mais participação”, queixou-se o padre José de Freitas. Para ele, os negros tiveram uma atuação periférica na missa. Mas para José de Freitas, também a população sem distinção de raça, e que estava do lado de fora, não aproveitou a missa. “Isso nada tem a ver com a cor, mas com a condição social. Os poderosos estavam aqui dentro e pareciam que rezavam mais”, observou ele.

**“Nova etapa”** – Já Ivaldo de Araújo da Silva, da Associação de Capoeira Herdeirart, disse que os negros aceitaram o perdão porque são humildes e desejam “ingressar em uma nova etapa nem ressentimentos. Para dar certo no futuro é necessário passar uma borraça apagando os ódios ainda existentes”, afirmou Ivaldo. Ele participou do grupo que cantou e dançou capoeira na missa.

A penitência da Igreja foi bem recebida pelo padre Lourival. “Muitos falharam mas não podemos ser anacrônicos. Por isso nada de revanchismos. Temos que entender historicamente os 500 anos e tudo o que aconteceu”, avaliou.

Fotos de Gilberto Alves

QUINTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 2000

BRASIL

JORNAL DO BRASIL  
politica@jb.com.br

## MISSA DOS 500 ANOS Poucos fiéis testemunharam a celebração e o pedido de perdão da Igreja aos índios e negros

# Chuva atrapalha missa dos 500 anos

BORGES NETO E  
SONIA CARNEIRO

PORTO SEGURO – O secretário de Estado do Vaticano e legado do papa João Paulo II, cardeal Angelo Sodano, 350 bispos brasileiros e 17 estrangeiros pediram perdão aos índios e negros por toda sorte de injustiças e violência sofridas por eles no Brasil durante os últimos cinco séculos. O *mea culpa* – na mesma linha das declarações do Vaticano durante as celebrações do milênio – foi feito durante a missa rezada ontem pelo representante do pontífice em Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabralia (BA), para comemorar os 500 anos da primeira cerimônia eucarística feita em terras brasileiras após a chegada de Pedro Álvares Cabral ao continente.

“Te pedimos perdão pelos pecados cometidos contra nossos irmãos e, em particular, contra os índios e negros, cujos direitos nem sempre foram respeitados”, suplicou a Deus o presidente da CNBB, D. Jayme Chelmo. Ele lembrou, no entanto, o papel da Igreja “como defensora humana e dos valores culturais dos povos indígenas presentes na época colonial e da sua tenaz oposição à servidão”.

**Pouca gente** – Celebrada debaixo de forte chuva, num palanque de 750 metros quadrados por trás do qual se erguia uma enorme cruz de 15 metros cedida pela Rede Globo de Televisão, patrocinadora do evento em acordo com a CNBB, a missa durou menos que os 90 minutos previstos. Compareceram apenas 20 mil dos 100 mil fiéis esperados pela CNBB, segundo estimativas da PM da Bahia. Como pano de fundo, em vez da nau Capitania, ancorada em Porto Segu-

ro com problemas de motor, chegou outra embarcação do Espírito Santo, a um custo adicional de R\$ 35 mil.

“Foi um fiasco. Esperávamos o Brasil inteiro e poucos apareceram”, comentou Walter Vitor da Silva Júnior, comerciante de Porto Seguro. Cercados por uma grade e forte aparato policial, ao contrário de figuras como o vice-presidente Marco Maciel e sua mulher Ana, o ministro Rafael Grega e Marguerite Sansone, que comungaram das mãos do Cardeal Sodano, a participação dos fiéis foi pouco calorosa.

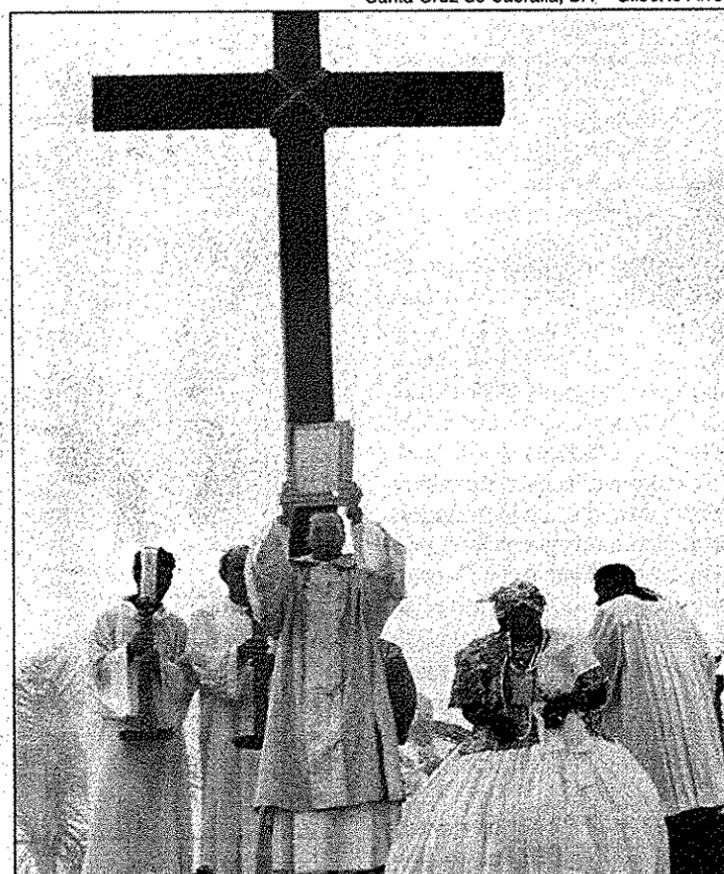
**Inclusão** – Fiel à seu gesto de conciliação, a Igreja Católica incluiu nessa missa celebratória elementos do candomblé afro-brasileiro – composto da fusão de tradições religiosas africanas e o rito cristão.

A missa começou com a entrada de dançarinos de grupos folclóricos de rituais africanos e do grupo “Netos de Gandhi”, de Belmonte, a 60 quilômetros de Santa Cruz, com destaque para um número afro dirigido pelo padre Guanái, do Movimento Negro, e a Coreografia das Bandeiras, dirigida pelo Padre Lourival.

Coube ainda a uma mãe-de-santo conduzir o livro do Evangelho, que relata o episódio dos discípulos de Emaús, onde Jesus se revelou. O incenso foi levado até o altar por um grupo de 30 jovens da Diocese de Eunápolis, vestidos com túnicas bege e desenhos africanos.

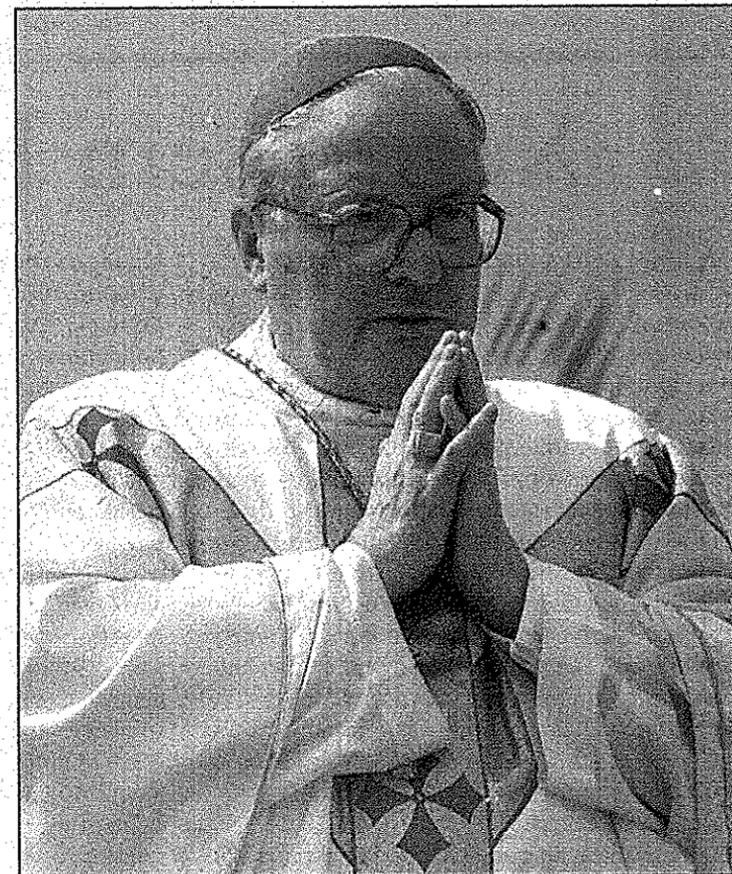
Os pataxós foram representados por uma menina da tribo, que participou da procissão do ofertório. E, depois do protesto indígena à presença católica em Coroa Vermelha, dois caciques Pataxó permaneceram no altar sentados ao lado dos bispos em posição de destaque.

Santa Cruz de Cabralia, BA – Gilberto Alves



Uma mãe de santo participou do ritual católico no altar-mor

Santa Cruz de Cabralia, BA – AP



O Cardeal Sodano, legado papal, reiterou o perdão da Igreja

## Bispos reclamam de “exclusão”

PORTO SEGURO – Os bispos D. Franco Masserddotti, presidente do Conselho Missionário Indigenista, D. Tomás Balduino, da comissão Pastoral da Terra - CPT, e D. Heriberto Hermes, não compareceram à missa dos 500 anos e divulgaram nota oficial de protesto pela violência contra os índios no último sábado. “Constatamos que a exclusão tomou conta das comemorações oficiais promovidas pelo governo”, denunciaram. Considerados os bispos progressistas mais à esquerda

da Igreja, eles relataram tudo o que aconteceu entre os dias 18 e 22 de abril e pediram que a 38ª Assembléia Geral de Bispos denuncie o episódio. “A polícia militar agiu com muita truculência, inclusive grampeando telefones do comitê da Conferência Indígena e controlando tudo com walkie-talkies fornecidos a alguns índios pataxós.

**Razões** – “O massacre só não aconteceu porque não houve reação por parte dos manifestantes e porque a imprensa nacional e internacional estava presente”,

informa o documento dos bispos. Eles desaconselharam a celebração no local da “repressão”, segundo os religiosos.

Os três bispos atribuíram a repressão à marcha indígena do dia 22 à decisão de não enviar representantes para o encontro com o presidente da República, tomada pela Conferência das Nações Indígenas. “A tropa de choque da Polícia estava esperando o grupo a 4 km e, sem que houvesse qualquer tipo de advertência, iniciou o ataque, atirando bombas

de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, balas de borracha e jatos de água. Os índios foram obrigados a retroceder. Os disparos atingiram lideranças indígenas, crianças e participantes da marcha”, reclamaram os bispos. Um índio Xucuru Cariri teve as duas pernas queimadas, 140 pessoas, entre elas 30 agentes da pastoral do Cimi, junto com seu presidente, D. Franco, ficaram detidos por cinco horas e só foram liberados após muitas negociações”, informa a nota.